

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS
Em Colaboração com a Monstra – Festival De Cinema de Animação de Lisboa
3 de junho de 2023

PROGRAMA ANIMAÇÃO PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE

O ROMANCE DA RAPOSA – EPISÓDIO 11 / 1987-1988

Realização: Artur Correia, Ricardo Neto / Animação: Artur Correia, Ricardo Neto / Adaptação: Marcello de Moraes (a partir de uma história de Aquilino Ribeiro) / Diálogos e letras das canções: Maria Alberta Menéres / Personagens: Ricardo Neto / Técnica de animação: animação tradicional / Música original: Jorge Machado / Vozes: Fernanda Figueiredo, Luís Horta, Joel Branco, António Semedo, Alina Vaz, Igor Sampayo, João Coelho, Maria Manuela

Diretor de produção: Galveias Rodrigues / Produção: Telecine, Topofilme (para a RTP - Rádio Televisão Portuguesa) / Cópia: cor, 35mm / Duração: 12 minutos (duração de cada episódio – série de 13 episódios).

AS COISAS LÁ DE CASA – EPISÓDIO 10 “A Faca e o Garfo” / 2004

Realização, Criação gráfica e planificação: José Miguel Ribeiro / Letras das canções: Elsa de Barros / Música: Bernardo Devlin / Vozes: Marta Sousa Ribeiro e Maria Sousa Ribeiro / Animação: Sandra Santos, Rita Sampaio, Jeanette Denise Christian / Técnica de animação: stop motion

Produtor: Luís da Matta Almeida / Co-Produção: Pilot Design, Animacroma Filmes / Série Apoiada por Zeppelin Filmes, MC-ICAM, Radiotelevisão Portuguesa, SA., Cartoon (Programa MEDIA da União Europeia) / Cópia: Cor, Betacam Digital / Duração: 2 minutos (duração de cada episódio – série de 26 episódios).

GINJAS – EPISÓDIO 1 “Rectas” / 2011

Conceito, autoria gráfica, argumento e planificação: Zepe (José Pedro Cavalheiro) / Realização: Zepe (José Pedro Cavalheiro), Humberto Santana / Animação: Osvaldo Medina, Sofia Cavalheiro, João Ferreira / Técnica de animação: animação tradicional digital / Composição musical e sonoplastia: Paulo Curado / Assistência de realização: Sofia Cavalheiro / Direção técnica: Luís Canau / Animação: João Ferreira, Osvaldo Medina, Sofia Cavalheiro / Técnica de animação: 2D

Produção: Humberto Santana, para Animanostra / Cópia: Cor, Betacam Digital / Duração: 2 minutos (duração de cada episódio – série de 26 episódios).

FOXY & MEG – EPISÓDIO 5, “Foxy & Meg andam de Transportes” / 2010

Autoria, realização, planificação e texturas: André Letria / Música original: Mário Delgado / Vozes: Rita Lello, João Curado / Supervisão de animação: Edgar Martins, Sérgio Martins / Animação: Edgar Martins, Sérgio Martins, Bernardo Bordeira, Jónatas Barros, Miguel Mota / Modelação: Miguem Mota, Jónatas Barros, Bernardo Bordeira / Técnica de animação: 3D / Sonoplastia e mistura de som: Paulo Curado

Produção: Humberto Santana, para Animamostra / Direção técnica e coordenação: Miguel Mota / Apoio técnico de produção: Luís Canau, Vânia Amado / Financiamento: ICA-MC com o apoio da RTP / Cópia: digital (suporte original) / Cópia: Cor, Betacam Digital / Duração: 3 minutos (duração de cada episódio – série com 26 episódios)

OS OLHOS DO FAROL / 2010

Realização e argumento: Pedro Serrazina / Criação gráfica: Pedro Serrazina e Natalie Woolf / Animação: Rita Cruchinho, Carina Beringuilho, Pedro Serrazina, Pedro Brito, David Doutel / Técnica de animação: animação tradicional, personagens desenhados sobre combinação de fundo real e texturas pintadas / Montagem: Ralph Foster, Cátia Salgueiro, Pedro Serrazina / Música: Harry Escott

Produção: Sardinha em Lata, Photon Films, Unforgiven, Filmógrafo / Produtor: Davide Freitas, Abi Feijó / Apoio:

MC-ICA, RTP, Film Fonds, Rotterdam Media Fonds, CMMN, CMP, Casa da Animação / Cópia: cor, 35mm / Duração: 15 minutos

AS COISAS LÁ DE CASA – EPISÓDIO 4 “O Bolo e a Forma” / 2004

EMA & GUI – EPISÓDIO 1 “Ema Regressa À Casa” / 2010

Realização: Nuno Beato / Argumento: Marisa Pott / Criação gráfica, plástica: Nuno Beato e Rosa Baptista / Técnica de animação: animação de recortes / Música: Ricardo Cardoso / Estúdio de som: Pimpampum / Direção de atores: Amanda Booth, Maia Booth / Técnica de animação: recortes / Com: Amanda Booth, Amy Hatton, Arabella Ho-You, Bruce Dawson, Emily Kirkpatrick, Jake Heger, Keith Harle, Murray Todd, Poppy Birkby, Tatjana Traniens e Zain Raswani.

Produção: Sardinha em Lata / Financiamento: StorFisk, RTP, TV3, ICA, Big Picture, FICA / Apoio: CMMN / Cópia: Cor, Betacam Digital / Duração: 7 minutos (duração de cada episódio – série de 52 episódios)

DODU, O RAPAZ DE CARTÃO - EPISÓDIO PILOTO “O Balão Lua” / 2010

Realização: José Miguel Ribeiro / Argumento: Alexandre Honrado, Virgílio Almeida / Criação Gráfica: Adriana Castro, José Miguel Ribeiro / Animação: João Gargaté, Luís Soares, José Miguel Ribeiro / Técnica de animação: stop motion / Direção de fotografia: Carlos B. Cunha / Música e sonoplastia: Fernando Mota

Produção: José Miguel Ribeiro, Eva Yébenes, Nuno Beato (Sardinha em Lata) / Apoio: CMMN, Universidade de Évora / Cópia: Cor, DCP / Duração: 5 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

GINJAS – EPISÓDIO 14 “A fotografia” / 2011

KALI, O PEQUENO VAMPIRO / 2012

Realização e argumento: Regina Pessoa / Som: Olivier Calvert, Lise Wedlock / Música: The Young Gods / Animação: Laurent Repiton, Marc Robinet, Jorge Ribeiro, Luc Chamberland / Técnica de Animação: gravura digital / Montagem: Abi Feijó / Voz off (versão portuguesa): Fernando Lopes, Christopher Plummer (versões inglesa e francesa)

Produtores: Abi Feijó, Ciclope Filmes; Julie Roy, René Chénier, Office National du Film du Canada ONF/NFB; Pascal le Nôtre, Folimage; Georges Schwizgebel, Studio GDS / Cópia: cor, 35mm, versão portuguesa / Duração: 10 minutos

Para todos os efeitos e pelos mais variados motivos (especialmente os económicos), o grosso da produção de animação em Portugal tem propósitos publicitários ou infantojuvenis. Se essa vasta minutagem não conduz, necessariamente, a um excedente de qualidade, é impossível não olhar, pensar e refletir sobre o que de melhor se fez nesse campo se se pretende avaliar o que foram os cem anos desta prática cinematográfica neste país. Se se olhar para a produção de animação, em Portugal, entre os anos 1930 e finais dos anos 1980, os objetos mais interessantes são, quase exclusivamente, títulos de pendor comercial, o chamado “período clássico da publicidade”, feitos quase sempre para exibição em salas de cinema (antes dos “filmes de fundo”) ou para exibição televisiva.

Desde **A Extraordinária Aventura de Zeca** (1938), realizado com o intuito de vender a banana da Madeira, até ao icónico anúncio **Swhweppes – O Melhor da Rua** (1965), passando pelos filmes de Servais Tiago (**Grandella**, **O Bate Latas** para a os óleos e lubrificantes da Sacor) e Mário Neves (**Laranjinha**), a produção de cinema de animação publicitário traduz o que de melhor se realizou em Portugal (muitas vezes na relação com o desenho, a ilustração e a banda desenhada da mesma época). É neste período que funcionam algumas das produtoras de animação (que sobreviviam à custa de serviços comerciais – além da publicidade, genéricos para filmes e programas televisivos e curtas metragens institucionais com sequências animadas), como a Prisma, do referido Mário Neves e de Salvador Fernandes, a Êxito, do já citado Servais Tiago, a MetaFilmes, de José Xavier, ou ainda a

Telecine-Moro, cuja secção de animação chega a ser chefiada por Ricardo Neto, que fundará mais tarde a Topefilmes, com Artur Correia e Armando Ferreira, aquele que será o primeiro estúdio de animação em Portugal.

No que respeita à produção infantojuvenil, em particular no formato de série, há os casos isolados de **A Licas e o Zé** (1957, Artur Ramos) e de **A Família Pituxa** (1971, Artur Correia, Telecine-Moro). Porém, só a partir de final dos anos 1980 se começam a produzir de forma sistemática várias séries para a RTP, as quais marcaram sucessivas gerações de jovens espectadores. É o caso de **Boa noite, Vitinho!** (exibido entre 1986 e 1997) que no fundo inventou o segmento da animação para a hora de dormir, **O Romance da Raposa** (1988), mas também de **Pit, o Coelho Verde** (1990), **A Maravilhosa Expedição às Ilhas Encantadas** (1992), **Poemas Pintados** (1993) e, já em meados dos anos 1990, os muito populares **Jardim da Celeste** e **O Patinho**, mas também **A Demanda do R**. Em animação de fantoches, séries como **A Árvore dos Patafúrdios** (1985) e o seu prolongamento **Os Amigos do Gaspar** (1985-1989) ajudaram igualmente a definir o segmento infantojuvenil na grelha de programação da televisão pública.

Assim, havendo um público, canais de exibição e coincidindo isso com a reestruturação do Instituto do Cinema como ICAM – Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia, em 1998, passam a existir apoios específicos à produção de séries de animação para o público infantojuvenil, além da preexistente capacidade aquisitiva da RTP. Passa, então, a ser viável, manter equipas de animadores que encontram um sistema de produção contínuo que tem no trabalho comercial e na produção infantojuvenil o seu modelo de negócio o que, por sua vez, sustenta uma outra produção de cariz artístico, mais episódico e singular. Eis a razão de ser desta sessão, focada na produção de animação infantojuvenil, onde se apresentam duas curtas-metragens e vários episódios de séries televisivas assinadas por alguns dos realizadores de animação com mais experiência nesta área.

No que respeita à série **O Romance da Raposa**, recupero as palavras de Francisco Valente, escritas aquando da exibição dos seus 13 episódios, em 2017, no âmbito do ciclo *Imagem por Imagem*, na presença de Artur Correia, Ricardo Neto, Maria Alberta Menéres e Fernanda Figueiredo: “**O Romance da Raposa** nasce, em primeiro lugar, com a história infantil de Aquilino Ribeiro, escritor central da literatura portuguesa da primeira metade do séc. XX, e que foi editada, pela primeira vez, em 1924, numa edição que contou com desenhos de Benjamin Rabier, conhecido ilustrador francês que serviu de inspiração, por sua vez, a nomes tão celebrados como Hergé, autor de “Tintin”. (...) Apesar da adaptação, sempre necessária para uma série infantil que nascia seis décadas depois do seu produto original, reconhece-se a marca de Aquilino Ribeiro no seu trato: uma linguagem rica, popular mas requintada, respeitosa da sua oralidade mas sempre atenta à riqueza do léxico, da construção frásica, ou de uma preferência por um ligeiro sarcasmo, nas suas personagens, na qual o mundo infantil se reconhece e com o qual também sabe responder à estranha vida adulta à sua volta (e Aquilino Ribeiro também viria a escrever, noutros apontamentos, sobre a influência dos mais pequenos, no seu círculo familiar, nas desventuras e espertezas das personagens que criou). O respeito pela língua e a excelência do traço, assim como a existência parca de produções com essas características, deram origem a uma das séries de animação mais relevantes, de produção portuguesa, a serem exibidas e produzidas para a televisão pública, fruto, também, da qualidade e experiência de uma equipa e de um estúdio (Topefilme) que ocupa um lugar central no desenvolvimento dos filmes de animação em Portugal.”

No que respeita **As Coisas lá de Casa** (produção da Zeppelin Filmes, fundada precisamente em 1997, onde começou Joana Toste, com **A Dama da Lapa**, a grande ausente deste programa dedicado à animação infantojuvenil portuguesa), é uma série assinada por José Miguel Ribeiro, que por sua vez havia já trabalhado n’**O Jardim da Celeste** e agora conduz uma série em nome próprio. O seu estilo de animação *stop motion* muito característico (é evidente, especialmente no episódio “O Bolo e a Forma”,

o reflexo da sua primeira curta-metragem **Ovos**, de 1995, mas não será necessário recuar tanto, basta lembrar **A Suspeita**, de 1999, ou **Passeio de Domingo**, de 2008) domina estes pequenos filmes musicais, dedicados a vários objetos domésticos, onde cada episódio é conduzido por uma canção interpretada pelas próprias filhas do realizador, Marta Sousa Ribeiro (que, enquanto adulta, se tornaria uma cineasta em nome próprio, realizando o belíssimo e autorreflexivo **Simon Chama**) e Maria Sousa Ribeiro. Além destes dois episódios, na sessão apresenta-se igualmente **Dodu, O Rapaz de Cartão**, que embora tenha tido um percurso de exposições como se se tratasse de uma curta-metragem, foi originalmente produzido como episódio piloto para uma série que, até hoje, não se concretizou. Entretanto, o percurso de José Miguel Ribeiro desviou-se para outras áreas da animação e para outras preocupações (históricas e estéticas) que culminaram naquele que é possivelmente um dos mais tocantes filmes sobre a Guerra Colonial Portuguesa, **Estilhaços** (2016), e na recém-estreada longa-metragem, **Nayola** (2022), pelo que um regresso a este universo infantojuvenil e a esta técnica de animação é pouco provável.

Ginjas, de Zepe, traduz o regresso (depois de três curtas que definem a animação portuguesa na primeira década do século XXI, **Cof Cof**, de 2000, **Stuart**, de 2006, e **Cândido**, de 2007) do realizador àquele que fora um dos seus primeiros projetos profissionais. Primeiramente iniciada em 1995, com produção de Humberto Santana (Animamostra), Zepe realiza apenas três episódios de dois minutos cada, mas aí desenvolve não só a matriz das personagens, como o esquema cómico, a narração sem palavras e o burlesco em *sketches*, naquilo que é o que de mais próximo existe, na animação nacional, à genialidade caótica de Tex Avery (sim, há nestes passarocos tontos, algo das icónicas personagens do cartunista e animador da Warner e da MGM). Década e meia depois, e já com recurso às possibilidades do digital, Zepe regressa a esses três episódios e expande-os a uma série de 26.

Além de **Foxy & Meg** (de André Letria, de novo com produção de Humberto Santana, para a Animamostra) e **Ema & Gui** (de Nuno Beato, para a Sardinha em Lata – Beato é o realizador da “primeira longa-metragem de animação portuguesa”, **Os Demónios do Meu Avô**, que se estreará comercialmente nas salas nacionais nas próximas semanas), que seguem um modelo televisivo mais fechado, onde duas personagens se passeiam pelo mundo e pedagogicamente aprendem novas palavras e se cruzam com situações mais ou menos inusitadas, a sessão inclui ainda duas curtas-metragens de dois importantes autores de animação: **Os Olhos do Farol**, de Pedro Serrazina, e **Kali, O Pequeno Vampiro**, de Regina Pessoa. Ambos retratam personagens criança, mas nem por isso se ficam por temas infantis. No filme de Serrazina a ambivalência da personagem da menina, entre a fada e a bruxa, está em sintonia com a própria técnica de animação que combina animação tradicional com imagem real, no que respeita ao entorno natural (mar, céu, praia). Essa tensão entre indivíduos (animados e bastante estilizados) e intempéries (naturais e ameaçadoras) revelará um segredo escondido, um trauma e uma assombração – tudo coisas muito pouco infantojuvenis. O mesmo acontece no filme de Regina Pessoa, e um pouco em todo o seu cinema, em particular na sua trilogia dos “medos de infância”, que se inicia com **Noite** (1999), é desenvolvida por **História Trágica com Final Feliz** (2005) e culmina, exatamente, com **Kali** – trilogia que igualmente traduz uma evolução no seu processo de animação, primeiro em gravura em gesso, depois em papel, por fim em digital. O seu desenho de personagem e o seu traço expressionista funde segregação e fantasia, lirismo e crueldade, em retratos de uma aspereza perturbadora. Nesse aspeto, **Kali** tem algo de **Aniki-Bóbó**, em particular nas sequências de brincadeira junto à linha de comboio e à sua abordagem à infância que não recusa (pelo contrário) os temas da morte, da culpa, da diferença e do desejo. Além de tudo isso, a possibilidade de ouvir, de novo, a voz de Fernando Lopes a falar já do outro lado, como quem ainda nos habita, vampiricamente, é razão suficiente para sentir um arrepio e deixar escorrer uma lágrima.

Ricardo Vieira Lisboa